



Eixo: Serviço Social, relações de exploração/opressão de gênero, raça/etnia, sexualidades.

Sub-eixo: Relações étnico-raciais e desigualdades.

AS EXPRESSIVIDADES DE CLASSE NA RAÇA: UMA ANÁLISE SOCIAL DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE PARTINDO DAS NARRATIVAS DE ESTUDANTES NEGRAS DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UFBA

**VANESSA DE SANTANA SANTOS¹
VALÉRIA DOS SANTOS NORONHA²**

Resumo: O artigo propõe o debate sobre as expressividades de classe na raça, sendo inspirado a partir da dissertação de mestrado sobre Adesão e Trajetória das Estudantes Negras no Curso de Serviço Social da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Valendo-se das narrativas coletadas durante as entrevistas de campo que mostram, a grande expressividade que a questão da classe tem meio à discussão racial.

Palavras-chave: Gênero; raça e expressividades de classe.

Abstract: The article proposes the debate about the expressions of class in the race, being inspired in the dissertation of Masters on the Adherence and the Trajectory of students in the Course of Social Service of the Federal University of Bahia - UFBA. Drawing on the narratives collected during the field interviews, they exhibit a great expression of a matter of medium for racial discussion.

Keywords: Gender; race and class expressiveness.

INTRODUÇÃO

Definiu-se o estudo das relações raciais no espaço acadêmico tendo enfoque no curso de Serviço Social da UFBA por compreender a importância do desenvolvimento de pesquisas sobre este tema e a relevância de maiores estudos tanto para as produções na área de Gênero quanto para Serviço Social.

O presente trabalho tem como proposta, despertar a discussão sobre como a classe se expressa na raça. O referencial teórico aqui apresentando

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal da Bahia. E-mail: <nessa-santanna@hotmail.com>

² Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal da Bahia.

encarrega-se inicialmente de abordar as imposições derivadas da formação da sociedade brasileira sobre a atual conjuntura social e econômica. Promovendo o pensamento sobre como essa construção histórica impacta no modelo de sociedade atual e na vida do povo brasileiro. Mostrando também a interseccionalidade entre gênero, raça e educação com enfoque na discussão sobre as Expressividades de Classe na Raça.

Para melhor entendimento sobre o surgimento desta temática, o primeiro tópico aduz ao ponto de partida para a eclosão da discussão sobre as expressividades de classe na raça. Trazendo também, a apresentação da metodologia utilizada e dos procedimentos para a realização deste trabalho. Seguindo com a importante discussão de gênero, raça e classe junto ao Feminismo Negro e a relevância da interseccionalidade com compreender como a soma das esferas de opressão afetam as relações sociais e a até mesmo, a relações individuais e interpessoais.

Sendo assim, a temática aqui apresentada objetiva colaborar com os acúmulos acadêmicos sobre Gênero na produção do Serviço Social.

1. EXPLANAÇÃO INTRODUTÓRIA SOBRE A PESQUISA E METODOLOGIA

A expressividade de classe na raça: Uma análise social de gênero, raça e classe das narrativas de estudantes negras do curso de Serviço Social da UFBA tem a finalidade de proporcionar um pensamento junto à crítica sobre como a classe se expressa meio as relações raciais.

Essa temática parte da elaboração do trabalho de dissertação de mestrado sobre adesão e trajetória das estudantes negras do curso de Serviço Social da UFBA que tem como objetivo maior problematizar as questões raciais implícitas no espaço acadêmico, tal como o processo de adesão e trajetórias das discentes.

Cuja metodologia trata-se de uma pesquisa descritiva (GIL, 2008), classificada como de campo, isto é, o aprofundamento de uma realidade específica por meio da observação direta das atividades do grupo estudado projetando a problematização deste trabalho por meio de entrevistas e questionários (GIL, 2008). Escolheu-se o método dialético por levar o pesquisador a trabalhar sempre considerando a contradição e o conflito; o 'dever'; o movimento histórico; a totalidade e a unidade dos contrários; além de apreender, em todo o percurso de pesquisa, as dimensões filosóficas, material/concreta e política que envolve seu objeto de estudo (LIMA E MIOTO, 2007).

Esta proposta de pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2010) se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes hierárquicas.

Os procedimentos realizados consistem em revisão bibliográfica com levantamento de produções acadêmicas sobre formação da sociedade brasileira, gênero, raça, classe e mulheres negras no espaço acadêmico.

O método utilizado para seleção das entrevistadas foi a escolha de estudantes negras do curso de Serviço Social da UFBA que concordassem em compartilhar suas vivências, experiências e anseios para o desenvolvimento deste trabalho.

Foram entrevistadas 13 estudantes negras, com faixa etária entre 18 e 31 anos, partindo do 1º ao 8º semestre. Para manter reservada identidade das entrevistas, suas narrativas serão identificadas como, por exemplo: N1, ou seja, N de narrativa e um número, respeitando a ordem que as discentes foram entrevistadas.

A fim de preservar a escuta qualificada, ferramenta de atuação profissional do assistente social Toniolo (2008), os questionários foram aplicados presencialmente, e em seguida a entrevista foi realizada. Questionário composto por 30 perguntas, sendo 28 com alternativas de marcar, com a finalidade de fazer um mapeamento socioeconômico. E duas questões

abertas, sendo a primeira indagando sobre o processo de adesão e trajetória da estudantes na graduação de Serviço Social da UFBA e de como você elas se sente enquanto mulheres negras na universidade e no curso. E a segunda sobre o turno das aulas, localização da universidade, sua vida pessoal e estudantil, tal como se permanência na universidade foi uma tarefa fácil ou árdua.

Todas essas questões foram elaboradas para responder o objetivo geral da pesquisa que é, compreender a adesão e trajetória das discentes negras inseridas no curso de Serviço Social da UFBA.

Falar sobre educação, raça e classe no Brasil não é um ato simplório, falamos de uma sociedade cuja a formação societária parte de uma história de expropriação de povos e suas culturas, explorações de corpos humanos classificados como mera mercadoria e lidos de formas animais. E concomitante a isso, o silenciamento da história de um povo junto ao fervor e enaltecimento de uma classe branca e elitizada.

Todas as relações sociais, sejam econômicas ou políticas impactaram na configuração do nosso modelo societário atual e para uma reflexão mais crítica é necessário partir da temporalidade e voltar a um passado que ao ser analisado, responde muitos anseios atuais, principalmente quando busca-se entender o objeto aqui em questão, a mulher negra, acadêmica e brasileira.

Sendo assim, o próximo item encarrega-se de problematizar um dos pontos mais interessantes que surgiram meio às entrevistas de campo para pesquisa de dissertação: A expressividade de classe na raça. Esse debate surgiu em meio a todos os depoimentos colhidos, todas as narrativas trouxeram algumas expressividades de classe, e o quanto pode ser difícil ser uma mulher, negra e pobre em uma universidade federal, junto a sistema econômico permeado pela desigualdade. A condição social interfere na permanência das universidade, na qualidade dos estudos e na saúde física e psíquica das estudantes.

2. A EXPRESSIVIDADE DE CLASSE NA RAÇA

Falar sobre gênero, raça e classe no cenário atual brasileiro não é uma tarefa fácil, no entanto considerando o processo histórico das produções acadêmicas nas últimas décadas, essa discussão fez-se mais presente. Principalmente, após as reivindicações do Movimento Negro, e o movimento de mulheres negras que ganhou força no Brasil no final da década de 70 quando suas primeiras organizações não-mistas³ saindo das experiências e embates junto ao Movimento Negro Unificado - MNU e o Movimento Feminista, “as mulheres negras impulsionaram à construção de sua organização com fisionomia própria e caráter nacional, com o intuito de acentuar as reflexões e ações para o enfrentamento das opressões racial e de gênero” (RIBEIRO, 1995, p. 446 apud BISPO, 2010, p.2).

A presença dessa militância passou a ser uma nova forma de enfrentamento às desigualdades raciais, sociais, de classe, gênero e outras. A soma e/ou entrelaçamento dessas esferas de opressão se configuram no termo chamado interseccionalidade. Que surge junto ao Feminismo Negro, movimento social e um segmento protagonizado por mulheres negras, com o objetivo de promover e trazer visibilidade às suas pautas e reivindicar seus direitos. O feminismo negro, ao trazer a realidade da mulher negra perpassa pelo gênero somado a raça, desse modo a forma com a uma mulher negra experiência a vida meio as relações sociais gênero, raça e classe não é a mesma que uma mulher branca, por exemplo.

A discussão interseccional fomentada pelo feminismo negro, demonstra como as formas sexuais de injustiça se assemelham e se entrelaçam com injustiças relacionadas a raça (KERNER, 2012). Por isso, a interseccionalidade é extremamente relevante para os estudos sobre mulher negra e Feminismo. Já que essas mulheres sofrem de forma simultânea o racismo, machismo, sexismo e discriminações sociais e de classe.

³ Estamos utilizando os conceitos de organizações/entidades mistas para designar grupos formados por homens e mulheres negro/as. Já o termo organizações/entidades não-mistas diz respeito a grupos compostos exclusivamente por mulheres ou ainda aquelas que contêm integrantes homens, mas seus quadros dirigentes são exclusivos das mulheres (BISPO, 2010, p.2).

Assim, o feminismo negro defende um ponto de vista em que a produção do conhecimento seja útil a vida e as lutas das próprias mulheres, colaborando para modificar sua realidade de vida, e que se contraponha aos paradigmas tradicionais de validação do conhecimento (COLLINS, 2000 *apud* CARDOSO, 2012).

O cruzamento da raça e da classe foi um forte marcador nas entrevistas junto às estudantes de Serviço Social, as treze entrevistadas expressaram as questões de classe como o marcador de sua qualidade de vida fora e dentro da universidade. Durante a elaboração do problema e hipótese do pré-projeto de pesquisa do mestrado imaginei (devido a minha experiência individual e coletiva de outrora enquanto estudante negra do curso de serviço social da UFBA) que a classe iria se expressar em meio às narrativas, porém não de forma tão assídua e em alguns casos, dita firmemente como mais sentida do que o racismo.

Para explicar a classe na raça é necessário fazer um resgate histórico e racial do Brasil e para isso é necessário retomar o modelo de sociedade escravocrata que teve a população negra expropriada da África para oferecer sua mão de obra escrava no Brasil a fim de atender à demanda da grande lavoura monocultora agroexportadora.

Na transição do escravismo para a era industrial se desdobraram as maiores transformações e impactos econômicos, sociais, culturais e de raça nesta sociedade. Demarcando, desde então, mudanças significativas para o modelo de sociedade contemporânea.

O Brasil do período imperial (1822-1889) foi um dos últimos países do mundo a abolir o trabalho escravo. As grandes demandas vindas das lavouras cafeeiras paulista implicaram no o uso de mão-de-obra intensiva e os cafeicultores paulistas continuaram a utilizar o trabalho escravo. A estadia do trabalho escravo tornou-se um obstáculo para a modificação da sociedade e da economia, nos anos de 1850 houve a proibição do tráfico negreiro, impossibilitando a reprodução das relações de escravidão. Logo, a partir de 1850 a escravidão estava fadada ao término, os abolicionistas começam a se preparar e a pressionar o governo imperial para abolir o trabalho escravo.

Uma das soluções encontradas para a substituição da mão de obra escrava na grande lavoura foi a integração à imigração de colonos estrangeiros (italianos, espanhóis, alemães, japoneses). Dado que, havia um profundo despreço pelo trabalhador nacional, o "caipira", tratado como vadio e imprestável para o trabalho disciplinado.

A importação de mão de obra estrangeira provocou no país o aumento da mão de obra desempregada gerando uma situação social paupérrima em que a pobreza e a desigualdade social predominavam. A população outrora liberta oferecia um trabalho livre, pouco qualificado para o trabalho fabril, não houve o preparo desta população negra para a vida pós-emancipação, a população negra liberta passou a viver à margem da sociedade realizando trabalhos informais, outros permaneceram nas casas grandes por não ter outros meios de subsídios e alguns migraram para aldeias quilombolas.

Diante dessa realidade, o sociólogo Florestan Fernandes (1920-1995), problematizou a decomposição do regime escravocrata e senhorial em seu livro *A integração do negro na sociedade de classes*, indo ao centro do problema:

“A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (...) Essas facetas da situação (...) imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel”.

Esse descaso com população negra é uma problemática social que o Brasil carrega até os dias de hoje. Tão presente, que pôde ser perceptível na narrativa das treze estudantes entrevistadas. Todas as estudantes problematizaram suas dificuldades financeiras, especialmente as nativas de outras regiões da Bahia, que vieram para Salvador para estudar na universidade federal.

As discussões de classe se sobrepuseram as de raciais, uma vez que no Brasil é muito mais fácil falar sobre classe do que de raça. Já que, um dos sintomas do racismo é silenciamento entorno dos debates sobre as questões raciais. “A dificuldade e a recusa de discutir a questão racial motiva essa

hipocrisia em relação à estrutura desigual do Brasil, visto que o racismo se manifesta justamente no sistema de desigualdades de oportunidades (Guimarães, 1998) verificadas no Brasil através da educação, do trabalho, da renda etc.” (SILVA, 2000).

O debate de raça é de suma importância no Brasil, considerando que ainda hoje é compartilhado um ideário de país dividido por grupos de cor, concepção baseada nos fenótipos e na posição social do indivíduo e não na discussão aprofundada dos conceitos, limitando assim, o debate. Mesmo a “questão racial sendo aos poucos desvendadas, embora seja nítida a resistência ao reconhecimento de sua importância, e a ausência de estudos explicada pela existência de uma democracia racial” (SILVA, 2000, p.100).

A fim de respaldar a importância do debate conceitual de raça e classe, trago as expressividades de classe na raça, sendo a classe o reflexo da relação desigual instalado no Brasil meio as relações raciais. As problematizações serão realizadas através das narrativas obtidas nas entrevistas junto as estudantes do curso de Serviço Social da UFBA.

2.1. Falando de “dentro” para “fora”: A problematiza de classe na raça

Este tópico incumbe-se de debater gênero, raça e especialmente a classe a partir da narrativa das estudantes de Serviço Social da UFBA, respaldando toda argumentação desenvolvida nos itens anteriores, utilizando dessa vez, a fala das próprias estudantes de “dentro” para “fora”, ou seja — o olhar das entrevistadas meio as suas particularidades enquanto mulheres negras, concomitante a, como a classe é experiência nesse processo acadêmico e de vida.

É de “dentro” por considerar a singularidade de cada sujeito e as suas vivências únicas sendo expressadas. E “fora”, no que diz respeito a como

essas relações “estabelecidas” socialmente impactam na relação entre os sujeitos e na visão de si mesmo/a.

O espaço acadêmico mostrou-se um grande aliado nesse processo de compreensão da relação pessoal e das relações sociais postas. A narrativa N9, expressa essa realidade,

o serviço social que me deu essa centralidade da classe, para a gente poder fazer outras análises assim de classe de gênero, porque quando eu ainda era do B.I (bacharelado interdisciplinar) a minha análise era muito na perspectiva de gênero e de raça, como se gênero e raça estivessem deslocados de condição social e hoje eu compreendo que não está.

Nas primeiras entrevistas, tornou-se perceptível que a universidade tem uma grande importância para o reconhecimento de gênero, raça e classe das estudantes. Muitas delas, dizem está vendadas antes de participar de espaço, no qual pensar sobre essas questões era estimulado. A entrevistada N7 pontua muito bem esse lugar,

Quanto a questão do racismo, eu acho que aqui na UFBA você tem a possibilidade de enxergar muito melhor as coisas do que antes, parece que tiram uma venda dos seus olhos e você passa a enxergar algumas coisas, os professores, aulas até mesmo as próprias coisas que acontecem aqui, principalmente aqui em São Lázaro (bairro onde o Campus de Serviço Social fica localizado) eu acho, que onde tem uma maior concentração de alunos negros, pelo menos pelos cursos que a gente vê.

Esse é um dos pontos mais interessantes apresentados na pesquisa, quando o assunto é reconhecimento racial. As alunas que estão em semestre mais avançados (5º em diante) têm mais propriedade de fala sobre gênero, raça e classe. E afirmam que, a entrada na universidade fomentou o aprofundamento e acúmulo sobre esse debate. Narrativa N2:

(...) Mas é uma formação que eu escolhi e talvez eu não seja, talvez nenhum de nós sejamos merecedoras de passar por isso, mas faz parte e toda uma conjuntura e fazer serviços social para mim foi extremamente fundamental para meu processo de formação porque ampliou todos os horizontes daquilo que eu achava que era verdade, daquilo que eu entendia como sociedade. Eu consegui e consigo hoje me posicionar enquanto mulher negra, consigo me enxergar nesse processo das relações raciais e me ver dentro de um universo que não foi projetado para mim.

A entrevistada N2, expressa a importância da universidade meio as suas relações sociais e de raça, como um dos agentes responsáveis pela

ampliação dos seus “horizontes” que seria o olhar social mais crítico. Servindo de auxílio para lhe proporcionar maior posicionamento enquanto mulher negra e na exposição de suas vivências. No entanto, durante a entrevistas, N2 revelou que mesmo assim ainda não se sente totalmente à vontade para falar nas aulas,

(...) na sala de aula eu as vezes não opino, até hoje isso é uma coisa que eu descontruo muito porque eu estudo muito, porque eu não acho justo eu não puder opinar em uma sala de aula, porque as vezes eu acho que as pessoas não vão da credibilidade aquilo que estou falando, por eu me tratar de uma mulher negra, pobre, periférica e tudo mais. Mas, enfim, eu acho que essa trajetória ela não é, não está sendo fácil, mas é uma trajetória que eu escolhi passar.

Outro ponto mencionado foi a saúde mental, sendo bastante recorrente entre os depoimentos coletados. A rotina tripla entre estágio/trabalho, estudos e vida pessoal tem ocasionado vários comprometimentos a saúde mental das estudantes.

Hoje, iniciando o 7º semestre é como se fosse uma vitória, cada semestre é uma vitória e aí a gente se esforça, a gente se dedica e a gente se doa e adocece, por diversas vezes eu adoeci dentro da universidade, porque é uma pressão uma cobrança, a gente não tem força, a gente não tem pernas para isso (N2).

Sobre a permanência na universidade, todos os relatos trazem elementos sobre esse processo. Sendo assim, três narrativas serão explanadas: 1ª Permanecer na universidade, não sendo nativa de salvador e com recurso moradia da PROAE - Programa de Assistência Estudantil; 2ª Permanecer, não sendo nativa, sem recursos moradia da PROAE ou com recursos simples (transporte e/ou alimentação); e 3ª Permanecer, sendo nativa e sem recursos da PROAE ou com recursos simples (transporte e/ou alimentação).

1ª Narrativa: Entrevistada N5

(...) tem sido difícil, eu ainda estou e não é fácil, digo assim e o auxílio, tudo que eu faço que me permite ficar aqui torna tudo menos pesado. Mas, não torna esse processo faz, a pessoa faz a pesquisa, estágio, tem as demandas das aulas e é uma coisa assim, eu realmente não recebo nenhum tipo de mesada de nada. Eu me

mantenho mesmo aqui é com o que eu recebo da universidade, me mantem, mas ainda é muito difícil, pois tem muitas coisas que eu gostaria de ter e adquirir, mas eu ainda não posso. Justamente porque a minha condição é limitada, tipo assim ter mais acesso à cultura, cinema, show, teatro, comprar livros, a ter uma alimentação melhor. O R.U me serve muito, mas eu não me alimento só no R.U e as outras horas, e nos outros lugares que eu estou, e em casa. Então, são muitas questão, não é processo fácil, você está longe de sua família, você não ter ninguém na cidade, nenhuma rede familiar, você tem amigos e conhecidos e você passar a administrar a sua vida pessoal e sua vida de estudante, então não é um processo fácil.

2ª Narrativa: Entrevistada N3

Então, eu perdi a chance de ter um auxílio, porque minha mãe faz várias movimentações na conta bancária, aí tivemos que fazer uma declaração extensa enorme, relatando todas as movimentações que ela fazia, de onde que vinha o dinheiro, para onde ele ia. Para o processo ser deferido, e ainda assim quando foi deferido, já tinha passado o período aí eu perdi a bolsa de moradia e não consegui mais nenhuma bolsa, aí a assistente social me orientou a tentar a cortesia do R.U – Restaurante Universitário para eu almoçar e jantar lá de graça até esse semestre está rolando, ai como apareceu o projeto de XXX, eu conversei com ela (a professora) para ver se eu conseguia fazer o cadastro geral para eu poder participar do projeto. Então, querendo ou não, por mais que eu tenha perdido a bolsa da PROAE eu consegui a bolsa do projeto. Que é com o que eu pago minhas contas, e também tem o auxílio financeiro que meus pais me dão, que é o que me sustenta. Mas, eu muito caro se manter aqui, alimentação é muito cara por mais que tenho o R.U, você perde horas na fila do R.U para conseguir jantar e almoçar, tudo isso é um desgaste.

3ª Narrativa: Entrevistada N2

(...) eu preciso trabalhar, preciso de dinheiro, porque eu preciso me manter em uma universidade que é caríssima, que por mais que a gente não pague uma mensalidade se manter aqui é muito caro e eu preciso também da conta de outros trâmites na minha vida. Então, as vezes eu preciso pegar, 3,4,5 ônibus em um dia para poder está aqui e fazer parte e cumprir com minha responsabilidade. E também eu estagio, é um estágio não remunerado que faz parte da carga horaria isso é uma coisa que a universidade ela projeta que a gente dê conta, porque por exemplo, a gente vai para o estágio a gente pagar para estagiar, a gente precisa cumprir essa carga horária, mas não temos nenhum suporte. A não ser a PROAE que as vezes os auxílios não são deferidos não sei porque e a eu não sei como eles usam o critérios, eu só tenho o auxílio transporte e desde o 4º semestre eu nunca conseguir a alimentação. Comer no R.U para quem não trabalha, 2,50 é um dinheiro pouco, mas quando você põe na ponta do lápis e você não trabalha é muito dinheiro. E eu almoço e janto, porque eu venho do estágio pela manhã, ai se eu comer na rua é 15, 16 reais, então acabou o dinheiro de duas semanas de R.U, por exemplo.

Nos três exemplos, estão relatos de mulheres que lutam pela permanência no espaço acadêmico. As que não são nativas de Salvador – BA se deparam com a distância da família, junto às dificuldades para manter a estadia na universidade e na cidade de Salvador, principalmente, no que diz respeito a moradia e alimentação, que são os elementos mais trazidos nos exemplos 1 e 2.

No exemplo 3, é a problemática de uma estudante que precisa trabalhar para permanecer na universidade, frequentar o estágio obrigatória não remunerado (protocolo do curso) e organizar os seus trâmites pessoais, relembando a tripla jornada outrora mencionada.

Frente a isso, a abordagem sóciohistórico foi aplicada neste trabalho com o intuito de pensar em como todas os reflexos da questão social atingem o público alvo dessa trabalho, as estudantes negras do curso de Serviço Social da UFBA, no que tange a discussão interseccional de raça, classe e gênero.

Todavia, se lermos esses três exemplos, como todas as outras narrativas apresentadas sem o arcabouço crítico dada pela discussão marxista de classe proporcionada pelo curso Serviço Social e pelas crítica do gênero, raça, classe e suas interseccionalidades no Feminismo Negro.

Fariamos uma leitura “naturalizada” dessa relações, ou seja, ao ler os exemplos explanados, poderíamos seguir a lógica do capitalismo de meritocracia e a possibilidade de mudança individual através da dita ascensão social, e todas essas questões no que envolve desgaste físico e mental, triplas jornadas diárias, estresse e as próprias dificuldades financeiras, como preços a pagar pela tentativa de mudar sua realidade.

A lógica capitalista, sucumbe a saúde mental e o tempo dos que tentam ascender socialmente, mostrando que a educação ainda hoje é mais fácil de ser atingida por uma determinada classe.

REFERÊNCIAS

BISPO, S. S. **Organização de mulheres negras em salvador**: articulando uma política de posicionamento. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278190174_ARQUIVO_ARTIGOF.GENERO2010.pdf> Acesso em: 12 jan. 2017.

BRITO, A. E. C.; GOMES, E. M. O entre lugar: trajetória de vida e memória no processo de formação profissional de mulheres negras. V. 3, n. 2 e 3, maio/dez. 2015. Disponível em: www.feminismos.neim.ufba.br.

DAVIS, Ângela. **Mulher, Raça e Classe**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

Desigualdade de gênero e raça. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/desigualdade-de-genero-e-raca/#gs._iKUJtQ>. Acesso em: 11 jan. 2017.

Desigualdade social. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Desigualdade_social >. Acesso em: 11 jan. 2017.

DIAS, D.N.; ZUCCO, P. Z. De mulher para mulher: o debate de gênero no Serviço Social. v. 3, n. 2 e 3, maio/dez. 2015. Disponível em: www.feminismos.neim.ufba.br.

Feminismo Negro. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo_negro>. Acesso em: 12 jan. 2016.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1978. p. 2000.

GIL. **Tipos de pesquisa**. 2008. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/ecb/files/2009/09/Tipos-de-Pesquisa.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

HERRING, C.E. Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia de Letras, 1995.

HOOKS, B. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJE; PPCIS/UERJ, v. 3 n. 2, 1995.

LIMA, S. T. C. e MIOTO, T. R. C. Ensaio: Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 37-45, 2007.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro 1: O processo de produção do capital (Boitempo Editorial, 2013. Tradução: Rubens Enderle).

MAIOR POPULAÇÃO NEGRA DO PAÍS – SEADE. Disponível em: <<http://produtos.seade.gov.br/produtos/idr/download/populacao.pdf>> Acesso em: 10/01/07.

MANDEL, E. **O lugar do marxismo na história**. 2. ed. São Paulo: Xamã, 2001.

MINAYO, M. C. de S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITICH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVA, M.N. O Negro do Brasil: Um Problema de Raça ou de Classe? **Mediações**, Londrina, v.5, n.2, p. 99-124, jul./dez. 2000.

SOUSA, Charles Toniolo. A prática do assistente social: conhecimento, instrumentalidade e intervenção profissional. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 119-132, 2008. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/viewFile/119/117>. Acesso em: 08 jul. 2018.

TAVARES, M.S. e LISBOA, K. Feminismos e produção do conhecimento em serviço social. Lisboa, v. 3, n. 2 e 3, maio/dez. 2015.